Estudo do CES conclui que "retorno" a Cabo Verde necessita de mais apoio

O projeto-piloto de ajuda ao retorno de emigrantes a Cabo Verde, que terminou este ano, apoiou 25 cabo-verdianos a criar um negócio no seu país de origem, sendo necessário "mais financiamento" para a iniciativa ganhar escala, conclui um estudo do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

O programa, integrado no projeto "Reforço das Capacidades de Cabo Verde na Gestão das Migrações", desenvolvido entre 2011 e 2015 e coordenado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), apresentou "um problema de escala", conclui um estudo de avaliação do projeto realizado pelo investigador Pedro Góis, do CES.

"O número de pessoas apoiadas foi muito pequeno para ser relevante", num contexto em que o fluxo de cabo-verdianos para a Europa "é tão grande", disse à agência Lusa Pedro Góis, considerando que será necessário um maior financiamento do programa, caso este volte a ser reposto.

Projeto foi financiado em dois milhões de euros pela União Europeia

Segundo o investigador, há a necessidade de uma "maior adaptação" do programa "à realidade local", para que os negócios implementados "tenham uma taxa de sobrevivência maior".

"Exemplo de diplomacia na área das migrações"

"Num momento de crise económica em Portugal, seria de pensar que muito mais gente quereria regressar. Se não aconteceu, houve um desfasamento na informação prestada e nos apoios concedidos", sublinhou.

No entanto, Pedro Góis salienta que as duas outras componentes do projeto coordenado pelo SEF – gestão das fronteiras e controlo dos fluxos migratórios e recolha e tratamento de dados em Cabo Verde – "correram muito bem".

De acordo com o investigador, o projeto, com um financiamento de dois milhões de euros da União Europeia, foi "um exemplo fantástico de diplomacia na área das migrações". "Em Cabo Verde, houve um trabalho fantástico na utilização de recursos, capacitaram-se as pessoas e criou-se um serviço estatístico que deu origem ao relatório das migrações". "Deveria era ter tido um programa sucedâneo", notou.

Em declarações à Lusa, a subdiretora do SEF, Marina Portugal, sublinhou que a criação de pontes entre instituições (estiveram também envolvidas entidades de França, Holanda e Luxemburgo) e "novos hábitos de trabalho" permitiu a "adaptação gradual" do projeto "à realidade nacional e às necessidades que as autoridades de Cabo Verde manifestaram". De acordo com Marina Portugal, foi possível "alcançar resultados de forma eficaz e concreta". No decorrer do projeto, 25 emigrantes beneficiaram do programa de retorno.